

Índice

3 ESPECIAL

A cidade como protagonista

Isabella Serena e Juliana Sehn

12 ESPECIAL

Operação resgate

14 FLIBI

Família e memória

com Carlos Eduardo Pereira e Vanessa Vascounto

mediação de Rodrigo Casarin

28 POESIA

treze maneiras de ver jesus

Carla Diacov

32 ROMANCE

Nada é monolito

André Luiz Costa

37 FLIBI

A nova era de ouro do rádio

com Ivan Mizanzuk

mediação de Flávia Schiochet

46 FOTOGRAFIA

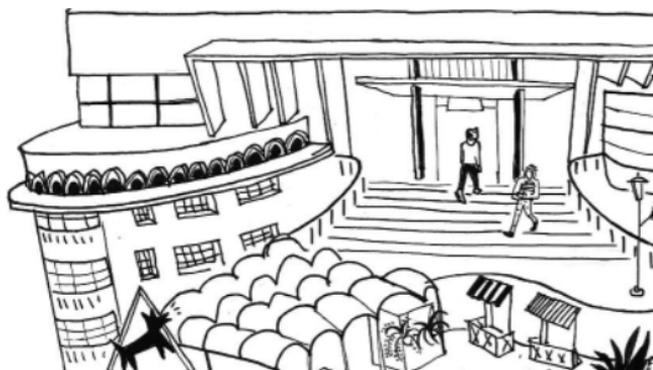
Ponta firme

Giorgia Prates

53 CONTO

Coleção de livros

Rosana Felix



A cidade como protagonista

Isabella Serena e Juliana Sehn



➤ **Raphaela Corsi**

➤ **Diego Antonelli**



Autores com formações diversas buscam explicar a complexidade da cidade a partir de histórias esquecidas e ignoradas

Para Raphaela Corsi, quadrinista e professora na Gibiteca, Curitiba reúne muitas cidades em uma só — mas a grande maioria das pessoas ainda não entendeu isso. Sua HQ *Sankofa: a História dos Afro-curitibanos* (Editora Humaita, 2022) integra uma safra de livros recentes que retratam fatos e personagens históricos locais a partir de diferentes linguagens e novas perspectivas. São obras produzidas por autores com formações diversas (jornalismo, arquitetura, fotografia, artes gráficas) e o mesmo desejo: mostrar, por meio de histórias muitas vezes esquecidas ou ignoradas, que a cidade é muito mais complexa do que parece.

Raphaela conta que só passou a prestar atenção nessa complexidade durante a faculdade. Na escola, se falava muito pouco sobre a memória da capital do estado. “Curitiba, primeiro, era o que eu via na rua. Ir nas feirinhas de domingo, visitar um ou outro ponto turístico e aproveitar a cidade. Mas estudar, aprender ou não aprender sobre Curitiba na escola, não fazia diferença”, diz.

O interesse sobre a história local só se intensificou em 2016, quando Raphaela passou a fazer parte do Centro Cultural Humaita, voltado para os estudos sobre a presença negra na cidade. De acordo com os pesquisadores ligados ao grupo, os registros históricos de Curitiba são construídos principalmente a partir da chegada dos imigrantes. “Então, cadê o resto dessa história que aconteceu antes do século XX?”, questiona a artista.

Investigando mais a fundo, o centro passou a encontrar vestígios e memórias do povo negro que chegou até aqui escravizado e ajudou a construir a cidade no período anterior à intensificação da imigração. A partir daí, o Humaita, que também atua como editora,

começou a publicar livros abordando esses pedaços de história que não aparecem em outros lugares.

Mais tarde, já formada em Artes Visuais, Raphaela Corsi decidiu unir os interesses pela arte e pela antropologia e propôs a publicação de um livro em quadrinhos sobre a história afro-curitibana, em parceria com o centro. A ideia era despertar um interesse maior nas pessoas sobre as histórias pesquisadas e publicadas pelo Humaita. Além disso, seus quadrinhos ajudam a suprir não apenas a carência de registros escritos sobre o tema, mas também a falta de imagens.

Durante a produção de *Sankofa: a História dos Afro-curitibanos*, foram realizadas diversas discussões com os participantes do centro cultural. "Sou uma pessoa branca, então até onde posso ir? Porque essa história não é minha. Nós discutimos muito entre nós sobre o racismo não ser um problema só de pessoas negras ou só de pessoas brancas. Todo mundo tem que estar falando disso", conta.

LAÇOS ESTREITOS

O jornalista Diego Antonelli escreve sobre Curitiba a partir do que considera a função social do jornalismo: levar informações ao público em uma linguagem acessível. Autor de 11 livros, grande parte deles sobre a História do Paraná, ele acredita que a construção social e cultural do estado está diretamente ligada à colonização e às ondas migratórias.

Entre seus principais trabalhos está o projeto *Vindas: Memórias da Imigração*, publicado em dois volumes pelas editoras ABC Projetos (2018) e EdUFSC (2022). Ele conta que o método de produção envolveu uma convivência mais próxima com os imigrantes entrevistados, para colher informações por meio de relatos orais. Somente depois iniciou a fase de checagem de bibliografias e conversas com historiadores.

Segundo ele, foi um processo intenso, pois inevitavelmente surgiram laços estreitos e uma confiança mútua entre os dois lados. “Já me emocionei com muitas histórias de vida. Não foram raras as entrevistas realizadas com pessoas perseguidas por regimes totalitários, vítimas de repressão, que fugiram de seu país natal e jamais voltaram a ver seus familiares”, relata o jornalista.

PATRIMÔNIO NEGLIGENCIADO

A arquiteta e urbanista Iaskara S. Florenzano conta que sempre se interessou pelo que está “por trás ou por baixo” da cidade. Por fatos que não são oficiais, que estão à margem ou sendo esquecidos. “Sempre estive em busca daquilo que a história não contava ou escondia, tentando o tempo todo ter um ‘olhar estrangeiro’ sobre Curitiba, para conseguir me surpreender e não perder a sensibilidade”, explica.

Durante seus estudos, Iaskara percebeu uma lacuna na pesquisa sobre o tema do patrimônio industrial, recentemente incluído entre as “categorias patrimoniais”. Tratam-se de locais e infraestruturas de diversos tipos que possuem algum valor histórico, científico, social ou arquitetônico. De acordo com a pesquisadora, essas estruturas podem ser consideradas como “documentos arqueológicos autênticos das dinâmicas sociais impressas sobre o seu território”.

A arquiteta acredita que os patrimônios industriais podem explicar um pedaço importante do desenvolvimento urbano de Curitiba no século XX. Estudar e discutir o tema é essencial para evitar o risco de demolições irresponsáveis e o consequente apagamento de estruturas históricas que fazem parte da cultura da cidade.

Uma dessas situações marcou Iaskara e a ajudou a definir o objeto de estudo de seu projeto mais recente: a demolição, em 2011, da fábrica da Matte Leão, no bairro Rebouças, o primeiro distrito industrial da cida-

de (em seu lugar, foi construído um enorme templo da Igreja Universal do Reino de Deus). “Foi definitivo. Assisti, atônita, ao desmantelamento daquele conjunto e precisava entender o tamanho do desastre”, lembra.

Essa inquietação resultou em uma pesquisa e na publicação do livro *Um Olhar Sobre o Patrimônio Industrial do Rebouças* (Edição do autor, 2022) — bairro que ainda não é reconhecido como uma área a ser preservada, estando sujeita ao desaparecimento. “Há um consenso de que só preservamos aquilo que conhecemos e com o que nos identificamos. Dessa forma, achei importante que a pesquisa ficasse registrada em livro, saísse do universo acadêmico e fosse divulgada para um público mais abrangente”, afirma a arquiteta.

NARRADOR DA CIDADE

Em 2008, José Carlos Fernandes foi convidado pelo editor Oscar Röcker Neto a integrar um grupo de cronistas que estava sendo formado no jornal *Gazeta do Povo*. A equipe contava com nomes da literatura como Cristovão Tezza, Roberto Gomes e Carlos Dala Stella — além de receber colaborações de Miguel Sanches Neto, que selecionou o time. “Eu me perguntei: ‘O que vou fazer no meio dessas pessoas?’ Me senti intimidado”, conta o jornalista e professor da Universidade Federal do Paraná.

Zeca, como é conhecido entre seus alunos e colegas de jornalismo, propôs, em contrapartida, que, em vez de crônicas produzidas com um toque pessoal, escrevesse microrreportagens sobre a cidade e seus personagens. “Eu achava que a minha vida não era tão interessante assim. Mas a cidade poderia ser uma protagonista”, diz o jornalista.

Segundo ele, a proposta de transformar Curitiba em personagem das crônicas se relaciona com uma das características essenciais do jornalismo moderno, em que o repórter é um narrador da cidade. Também veio de sua observação sobre estudos que apontavam

um aumento da violência na capital do estado durante os anos 2000 — o que desmotivava cada vez mais a interação dos moradores com o ambiente. A partir deste contexto, suas crônicas buscavam encorajar as pessoas a saírem e olharem mais para o espaço em que viviam.

Já são mais de 500 textos publicados desde então, em que Zeca principalmente faz o exercício de buscar pelos “quase famosos” de Curitiba. Ou seja, figuras que não estão muito em evidência, mas que ainda assim possuem histórias especiais que tenham tocado um relativo número de pessoas. Um dos pontos centrais desse trabalho é o que ele chama “espírito humano”: uma característica específica que geralmente humaniza e quebra o estereótipo do personagem.

Recentemente, José Carlos Fernandes lançou *Um Lugar Chamado Cocaco — A Galeria que Abrigou uma Geração de Modernos* (Editora Insight, 2022). O livro conta a trajetória de um pequeno espaço de 70 metros quadrados, criado no Centro durante os anos 1950, mas que ajudou a inaugurar a arte moderna no Paraná.

➤ José Carlos Fernandes



A produção do livro começou quando Zeca soube da venda do acervo de Eugênia Petriu, dona da Cocaco. O jornalista passou a frequentar sua casa e realizou, em cerca de dez encontros, entrevistas longas com a galerista, que na época já tinha mais de 70 anos. “Foi uma delícia de fazer. Como é que pode um espaço tão pequeno ter sido um lugar em que os jovens se reúnem para conversar, trocar ideias, pensar cultura, falar de arte e de outras coisas também?”, reflete.

MÚLTIPLOS LADOS

Após a experiência de aprender sobre “outros lados de Curitiba”, Raphaela Corsi conta que finalmente sabe onde está. “Curitiba é uma cidade que ganharia muito se entendesse esses múltiplos lados que possui. Do ponto de vista das mulheres, das pessoas negras, das pessoas da periferia, por exemplo”, afirma a artista, que procura transpor para os quadrinhos visões diferentes presentes em um mesmo espaço.

Pensando na literatura curitibana de hoje, José Carlos Fernandes acredita (alertando que pode ser uma “hipótese furada”) que existem menos escritores falando sobre a cidade. Ele cita o escritor Miguel Sanchez Neto, para quem a literatura curitibana e paranaense permanece muito presa ao simbolismo. Dentro dessa perspectiva, é mais comum ler escritores discorrendo a partir de um mundo etéreo e que produzem textos mais existencialistas e menos conectados com o território — o oposto de um tempo em que os escritores, segundo Zeca, eram a tradução dos lugares em que viviam.

“Não acho que seja um problema, talvez não seja”, diz o cronista, lembrando da obra de Caio Fernando Abreu, que nos “libertou” um pouco do território, possibilitando a criação de cenários mais existenciais. “Ele vai mostrar o lugar onde ele queria estar. Ele não estava preso”, reflete Fernandes. “O Caio estava nos infer-

ninhos de São Paulo ou podia estar em Porto Alegre, o personagem dele podia estar em qualquer lugar.”

Do ponto de vista da História, Diego Antonelli observa diferenças entre os autores do passado e do presente. Para ele, antes havia, com exceções, a predominância de uma narrativa em favor dos “vencedores”, das classes dominantes. Hoje, ao contrário, Antonelli percebe uma preocupação maior em contar os meandros mais obscuros e esquecidos. “Noto que agora há uma busca maior para se contar a história que não foi tão bem contada. A história de povos que foram subjugados, como os escravos africanos e os indígenas”, explica o pesquisador.

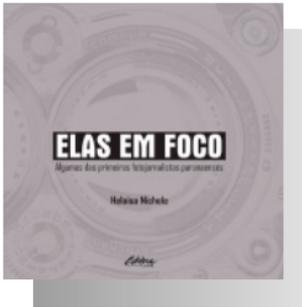
Já Iaskara S. Florenzano acredita que Curitiba tem um jeito único de se colocar no mundo. Segundo ela, a capital paranaense se orgulha de quase sempre se manter de fora das tendências e do *mainstream*, produzindo arte, cultura e conhecimento de um modo muito particular. “Da literatura ao cinema, da música às HQs, do teatro às artes plásticas, temos um modo que é nosso, que nem sempre é compreendido e muitas vezes é tido como acanhado ou tímido. Mas nunca menor”, conclui. <

> Foto do livro *Um Olhar Sobre o Patrimônio Industrial do Rebouças*, de Iaskara S. Florenzano.



Operação resgate

Uma seleção de livros lançados nos últimos anos e que desvendam aspectos e personagens até então pouco abordados da história local

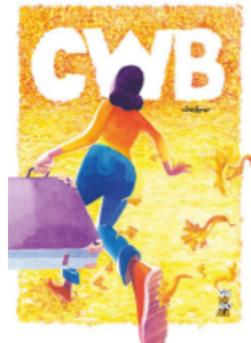


***Elas em Foco*, de Heloisa Nichele (Editora UFPR, 2022)**

Com o intuito de mapear e identificar o início dos trabalhos de grandes fotógrafas paranaenses, Heloisa Nichele resgata a presença de profissionais como Fernanda Castro, Karin van der Broocke, Lina Faria, Luciana Petrelli, Lucília Guimarães, Nélida Rettamoza e Vilma Slomp. Produzido a partir de entrevistas realizadas em 2018, o livro-reportagem ainda traz uma série de imagens dos arquivos pessoais das personagens retratadas.

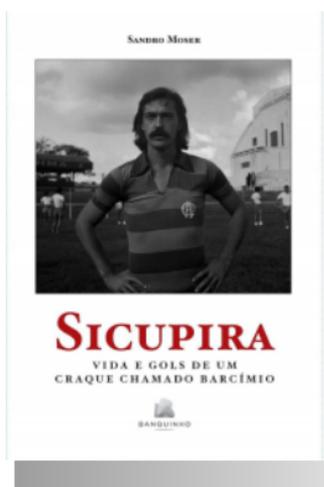
***CWB*, de José Aguiar (Quadrinhofilia, 2020)**

A obra é uma viagem pessoal do autor pelos espaços de Curitiba, contemplando histórias, arquiteturas, obras de arte e símbolos da cidade. Experimentando com a linguagem livre dos quadrinhos, José Aguiar criou duas histórias que se atravessam no tempo e espaço — e que podem ser lidas tanto a partir do começo quanto do final do livro.



Morar nas Alturas! A Verticalização de Curitiba Entre 1930 e 1960, de Elizabeth Amorim de Castro e Zulmara Clara Sauner Posse (Edição do autor, 2017)

O livro é o resultado de uma pesquisa sobre a modernização do centro de Curitiba ao longo de 30 anos, com foco em edifícios que buscam atender às necessidades atuais, como comércio, lazer e serviços. O trabalho inclui análises tipológicas das contribuições dos bairros para o crescimento da cidade, bem como aspectos culturais e históricos. Destaque para os estudos sobre as principais galerias curitibanas.



Sicupira — Vida e Gols de Um Craque Chamado Barcímio, de Sandro Moser (Banquinho, 2020)

Biografia de um dos maiores heróis do Athletico Paranaense, que também jogou no Botafogo e Corinthians. Ao trazer à tona fatos desconhecidos sobre a vida e a carreira do atleta, Moser acaba contando também um pedaço importante da história de Curitiba. <

Família e memória

com Carlos Eduardo Pereira e Vanessa Vascounto

mediação de Rodrigo Casarin



➤ Carlos Eduardo Pereira, Vanessa Vascounto e Rodrigo Casarin.

Duas vozes distintas na produção contemporânea exploram as fronteiras entre criação e memória durante uma mesa realizada na 6ª Festa Literária da Biblioteca Pública do Paraná

Rodrigo Casarin: É o segundo romance de cada um de vocês. Na música existe uma lenda sobre a dificuldade de se fazer um segundo álbum. Para vocês, como foi trabalhar num segundo romance, após a estreia, e qual é a história por trás das histórias, tanto em *Agora Agora* quanto em *Terra Dentro*?

Carlos Eduardo Pereira: É engraçado porque tem uma ordem de publicação, o primeiro livro saiu em 2017 e o *Agora Agora*, em 2022. Só que a gente escreve em outro ritmo. Você escreve e quando está publicando já está escrevendo outro. Quando esse outro sai, vem a pandemia no meio, aí você fica meio desnordeado com a passagem do tempo. Não tive muito tempo para ficar pensando em como seria a recepção do outro.

Rodrigo Casarin: Quando o *Agora Agora* chegou, eu me perguntei: “Mas já? Acabou de lançar o outro”. Não teve esse tempo da pandemia na vida, a gente só ficou parado.

Carlos Eduardo Pereira: Tirando esses dois anos da pandemia, parece que foi outro dia mesmo. Tem essa questão, entre um livro e outro o Brasil e o mundo viraram o que viraram, que não eram até outro dia. Então essa expectativa sobre um segundo romance, como vai ser lido, como vai chegar, ficou em segundo plano. Quando vi, lançaram, e estou feliz com o resultado. Comecei a escrever antes da pandemia, ele é dividido em três partes, e uma delas já estava escrita. Você fica meio travado, porque nada mais era como antes. Veio uma vontade grande de falar do hoje, daí a expressão no título, *Agora Agora*. É agora agora, não é um agora daqui a pouco, um agora em outubro, em novembro, é agora. Uma tentativa de apreender o que estava rolan-

do naquele momento. Impossível, né? Não dá para fazer, ainda mais num romance. Ou você lida com isso e fala “Dane-se, vou lidar com outra coisa”, ou você volta ao passado, porque existe aquela suspeita — e depois a gente confirmou pelos dados concretos — que havia um sentimento reacionário. As pessoas estavam pensando num passado idealizado como se ele fosse bom. Minha intenção era uma investigação do que essas pessoas estavam querendo dizer com isso, que papo é esse de que bom era não sei quando, esse sentimento reacionário. Não é um lance conservador, de “Vamos manter a coisa como está”, não era isso. Era um lance diferente. Agora a gente vê no que deu, mas naquele momento era uma desconfiança. As pessoas pensando num passado, como se fosse um passado legal para caramba, e nem era. Então a ideia é tentar olhar para trás um pouquinho e falar “Olha aqui o que você está dizendo que era legal”. A primeira parte do livro é hoje, 2019, 2020, aí ele volta na história do avô e na história do pai, e com isso a gente consegue fazer um apanhado bom da História do Brasil e ver outros momentos. É tentar investigar e olhar para o que tem lá atrás, o que ainda tem, o que é diferente, o que a gente faz com isso.

Rodrigo Casarin: E por que os 45 anos como a idade chave para modular a obra?

Carlos Eduardo Pereira: Eu estava com 45, por aí. Tenho 49 agora. Chega aquele momento em que você começa a pensar “Meu Deus, eu tenho uma filha pequena” — ela tem 9 hoje, mas na época era bem menorzinha. E o meu pai tinha morrido também por aí, acho que ele morreu com 46, eu estava chegando na idade com que o meu pai tinha morrido. Você começa a pensar na paternidade, no que você está fazendo na vida. Comecei a pensar no meu avô, no meu pai, e viu isso aí.

Vanessa Vascounto: Lancei meu primeiro livro em 2018, tinha um espírito aventureiro nesse lançamento. Primeiro porque eu nunca tinha lançado nada e logo resolvi fazer um romance, um romance curto, que é por onde eu estou trafegando, mas não tinha tanta preocupação com coisas como o refinamento da linguagem. Tinha um enredo, queria contar aquela história que havia escutado há alguns anos de uma pessoa muito próxima. É um caso entre duas pessoas, um francês e uma brasileira, e queria contar essa história, não queria inventar muita coisa, não tinha muito uma preocupação com o que eu ia fazer da linguagem. Quando comecei a escrever o *Terra Dentro* — difícil dizer “Comecei a escrever o *Terra Dentro*”, porque estava escrevendo ele há dez anos —, não sabia exatamente o que ou para onde estava indo com aquilo. Ele começou como uma cena de teatro, enquanto eu estava no Centro de Pesquisa Teatral, e era um exercício de fala. Só tinha a Rita, que é uma das personagens do *Terra Dentro*.

Comecei como monólogo, ficou muito ruim, ensaiei ele algumas vezes, mas não deu certo. Coloquei de canto e demorei uns três anos para voltar. Isso era em 2008, mais ou menos. Aí inventei de ampliar aquilo, então virou uma peça, que também não deu certo. Fiz alguns ensaios abertos, mas não rolou — ainda trabalhando só com a Rita. Depois comecei a estruturar essa ideia de que talvez eu pudesse fazer alguma coisa maior, com outros personagens, outros pontos de vista. O *Terra Dentro* é uma história que ouvi de uma caseira, em Campinas. Ela me contou a história dela, esse acontecimento que se deu entre ela, a irmã, o irmão e mais uma família vizinha, de onde eles moravam, numa plantação de batatas. Eu estava recontando a história, como ela me contou, mas só do ponto de vista dela. Aí falei: “Talvez eu possa ampliar isso e trazer outras versões sobre esse fato”. Foi assim que essa história surgiu. Esse segundo romance já veio muito carregado em linguagem, em me desafiar nessa seara, de fazer com que a linguagem também narrasse a memória para além dos personagens.

Rodrigo Casarin: Os dois romances trabalham com três personagens diferentes, três protagonistas. No *Terra Dentro* o enfoque vai se alternando a cada capítulo da narrativa e no *Agora Agora* são três partes, cada uma focado no avô, no pai e no filho de uma família. Como foi, para vocês, construir esses personagens com características próprias, pensamentos, maneiras de falar e de se expressar e as visões e limitações de mundo próprias? Queria saber um pouco desse trabalho de composição dos personagens.

Vanessa Vascounto: Me interessava muito, acho que por conta da minha experiência com o teatro, imprimir uma dicção própria para cada personagem. O grande desafio do *Terra Dentro* foi encontrar a voz desses personagens. São três primeiras pessoas e três personagens muito diferentes entre si, embora sejam irmãos, e para mim essa diferença tinha que ficar evidente na linguagem, na forma como eles iam narrar. A Rita está num lugar mais delirante, é uma vítima do acontecimento que move o *Terra Dentro*, uma personagem bastante quebrada, e isso tinha que estar refletido na linguagem. Tanto que ela está de forma diferente na página, não está em texto corrido — tem uma parte que é na estrutura de poesia, tem parte que é música. A Mirna, a irmã mais velha, é um trator, uma pessoa dada ao trabalho, muito prática, e isso tinha que ser refletido na página, por isso é um bloco de texto único, não tem muito respiro. E o Mosquito é um cara absolutamente apaixonado, que movimenta a história, por conta dele que a história acontece. Além de trazer a memória deles, essa memória tinha que estar em imagem, dentro da linguagem. Narrar em voz alta esse livro enquanto escrevia foi fundamental para isso.

Rodrigo Casarin: Quanto há de trabalho braçal para achar esse equilíbrio entre a aspereza e a brutalidade da história com os momentos poéticos?

Vanessa Vascounto: Acho que foi o maior trabalho, e dentro disso encontrar o ritmo da fala de cada personagem para além das expressões que eles usam. Como é a respiração desses personagens, como eles estão narrando, qual é o tempo da memória e da vivência de cada um dentro daquele acontecimento. Isso sou eu no computador, falando comigo mesma na maior parte do tempo, bem doída mesmo, repetindo e narrando aquilo, fazendo o personagem e usando o corpo do personagem. Teve vários experimentos para conseguir. Comecei a Mirna achando que ela mancava, então quando fui experimentando no corpo, porque é parte do meu processo, não deu certo. Só jogando para o corpo mesmo, é processo criativo, para mim funciona desse jeito.

Carlos Eduardo Pereira: Gosto dessa carpintaria, de falar sozinho, o pessoal lá em casa está acostumado. Escrevo reescrevendo. Independentemente do tema, se é pesado, esse trabalho com a palavra, de reescrever, é o que a gente faz. Se não, não vale a pena contar nenhuma história, vai fazer isso de outras formas. Um *podcast*, *textão* no Facebook. Já que é literatura, vamos trabalhar a linguagem. Eu curto, gosto muito de fazer. Não é fácil, mas é legal. Esse livro é uma investigação familiar, do meu pai e do meu avô. Eu não conheci meu avô, a gente não tem tanta informação sobre ele. Friburgo é uma cidade na região serrana do Rio de Janeiro e foi colonizada pelos suíços, e a cidade tem orgulho disso, se autointitula a Suíça brasileira. Tem uma herança dos europeus que está rondando pela cidade. Só que minha família é de lá, uma família de negros. Meu avô nasceu logo depois da abolição da escravatura, em Friburgo — uma cidade europeia. Imagino que a mãe dele talvez tenha sido escravizada, um pouco antes disso eles eram escravos e agora são gente livre. Como deve ter sido isso em Friburgo? Ele fez um bar, um clube, onde só entravam negros, porque havia clubes em que ele não podia entrar — imagino que esse tenha sido o motivo. A partir daí imagino que tenha virado uma liderança comunitária.

Não queria contar a história de um “heroizão”, mas acho curioso porque é uma história de resistência cultural, bonita para caramba, não dando tiro em ninguém. Só que na minha família isso nunca foi tido em alta conta. Eu passava minha infância, minha adolescência lá em Friburgo, mas na família ele não é um grande cara. Tinha uma foto dele na sala da minha avó, ela fala bem dele, mas os primos meio que não levavam em alta conta, menosprezavam, sacaneavam, e eu também era um deles, lá nos anos 80. Talvez seja uma família de negros que quer ser aceita pela sociedade local, pela elite de Friburgo. Não sei o que era, mas achei interessante investigar. Existe a possibilidade de ter racismo dentro de uma família de negros. Não é porque somos negros que a gente defende os negros e todo mundo está junto e ninguém larga a mão de ninguém. Não é bem assim, ainda mais nos anos 80. Foi pensando nisso que criei esse narrador que não conhecia. As duas outras partes, que falam do avô e do pai, começam com “Pode ter sido assim”. Ou seja, é uma possibilidade, e gosto disso. Não fui pesquisar, perguntei uma coisa ou outra, mas não quis saber exatamente como era o Otávio [nome do avô]. Tem umas histórias de família, pego essas histórias e mudo pouco porque acho que não se trata de uma pesquisa, e sim de uma imaginação. No mundo de hoje, é muito bom valorizar a questão do negro e da mulher e de uma série de coisas que a gente hoje em dia valoriza e até outro dia não valorizava. Em vez de pesquisar, resolvi imaginar, baseado no que sei dos meus primos da época, no que minha avó fala até hoje. São elementos que resolvi utilizar para criar ficção em cima disso, e não para reproduzir uma era, não era a minha *vibe*.

Rodrigo Casarin: De que forma, para vocês, a arte tem ou não tem que estar em diálogo com o momento presente? Vocês acham que de alguma forma ela pode interferir e ajudar a pautar o momento presente?

Carlos Eduardo Pereira: A literatura não tem uma função, mas tem um desejo quando você está produzindo algo. Gosto de pensar que ler um *Agora Agora*, um *Terra Dentro*, seja efetivo. Tenho uma fé muito grande na ficção, ainda mais no mundo como a gente tem hoje, na lógica das redes sociais em que a gente tende a concordar com nossa bolha e discordar da outra bolha, e está todo mundo falando igual. Acho meio difícil a gente conseguir dialogar a partir desse lugar do artigo jornalístico, da rede social, de um vídeo ou de uma dissertação. É possível, claro, mas a gente tem que dialogar com o diferente, não dá para fechar o olho. Eu não acredito em nada individual, acho que a gente deve ter a força do coletivo na vida. Não apenas na literatura, no livro A ou B. A gente precisa olhar para o lado e falar “Gente, vamos fazer alguma coisa. Vamos fazer algo”. Não é “Eu vou fazer e resolver o problema de vocês”. Não acredito nisso. Por enquanto não estamos ouvindo direito, já passamos por essa experiência de tentar usar o argumento. Não vai adiantar e as pessoas não vão ouvir, porque não estamos falando a mesma coisa.

A minha fé na ficção está justamente aí, porque a ideia propõe um diálogo. Um livro não se encerra em si mesmo, vai começar a história. Tem um leitor e esse leitor vai construindo. As elipses vão fazer a possibilidade de encaixar sua história ali naquele livro, aquilo que o personagem está vivendo, talvez você já tenha vivido algo semelhante. E quando você começa a fabricar e refletir sobre aquilo, você está pensando sobre o que está sendo colocado ali. Não é uma doutrina, mas você está se inserindo naquele espaço. Se você cria um cenário, cria a possibilidade do leitor entrar ali. E aí não tem resistência, não importa a que bolha você pertença — mas se você entrou naquele jogo, se propôs a encaixar as suas experiências naquela ficção, eu já estou no lucro, já é legal. Não é uma função, mas é um desejo meu, gosto de pensar que as pessoas conseguem entrar nas questões que acho legais via ficção. É o que a gente consegue fazer, não dá para eu fazer mais que isso.



Vanessa Vascounto: Quando comecei a escrever o *Terra Dentro*, não pensei em tocar num tema social ou falar sobre as questões do campo, sobre a precarização do campo, o empobrecimento da terra e dos trabalhadores rurais. Queria falar dessa relação entre esses irmãos, e deles com os seus vizinhos, dentro dessa comunidade agrícola. Queria falar como o empobrecimento da terra empobrecia as relações, também esvaíava um pouco e deixava tudo muito brutal, no campo da violência. Isso era uma coisa dentro da subjetividade dos personagens e não do contexto social em que eles viviam. Mas é inevitável, quando você começa a trabalhar o íntimo dos personagens, começa a tocar pontos que tocam também as memórias e as vivências coletivas desses trabalhadores e de quem teve ou tem um contato com isso, a história cresce um pouco por si. Quando você toca o mundo interno de um personagem, necessariamente toca o mundo externo, aí as coisas vão surgindo de maneira que você possa conectá-los e não tirar eles desse contexto. Não só trabalhar a subjetividade, mas, pelo contrário, fazer com que aquilo sirva à subjetividade dos personagens —

pelo empobrecimento das relações, pela questão árida entre os personagens. Colocar um momento muito precário dentro da condição rural hoje em dia, ainda muito exploratória. Eles estão em uma monocultura, isso também não favorece que as coisas frutifiquem. No fundo é isso, uma terra infrutífera dentro de relações infrutíferas.

Rodrigo Casarin: E qual foi o caminho para criar essa subjetividade de cada um que vive nesse ambiente rural de terras infrutíferas? Foi pesquisa, conversa com gente desse campo? Você também tem um passado familiar em que foi buscar informações?

Vanessa Vascounto: O *Terra Dentro* é uma história que escutei de uma pessoa, fui ouvindo as outras histórias dessa personagem. Ela me contava outros aspectos do irmão dela, que era o Mosquito, e então eu podia entender um pouquinho melhor o que era o Mosquito. É claro que tenho muito melhor a dimensão dela enquanto personagem, que no livro é a Rita, do que dos outros dois. Até porque ela só tem o Mosquito de irmão, a Mirna foi criação do zero. Ela não existe na história real, mas foi necessária para fazer uma triangulação. A Rita é parte muito envolvida na história, uma vítima, e entra no campo do delírio — é muito difícil para ela tudo o que aconteceu e isso está na forma como ela expressa. Isso traz um grau de desconfiança sobre a versão da Rita, e com o Mosquito é a mesma coisa. Quis trazer a Mirna para fazer esse equilíbrio. Ela é uma personagem que tem um aspecto muito mais prático, muito menos envolvido. Não foi pesquisa, não foi nada, foi imaginação e estratégia narrativa.

Rodrigo Casarin: Algum tempo atrás, quando fazia entrevistas, eu perguntava sobre o desafio que é criar ficção num mundo tão inverossímil. Agora acho que já demos um passo além. Estamos vivendo num país em que parte das pessoas deixou de protagonizar cenas inverossímeis e passou a viver

numa realidade paralela, que interpreta o mundo de forma objetiva completamente diferente da maneira que nós interpretamos. Como é, para o escritor, criar numa realidade em que as próprias noções de realidade e verossimilhança já foram para o espaço?

Vanessa Vascounto: Tendo a achar que não é bom e nem ruim, as coisas absurdas sempre estiveram aí. Acho que só estamos tendo um acesso privilegiado — ou desprivilegiado — à loucura dos outros, em função de rede social e tudo mais. A minha família é do interior de Santa Catarina, perto de Chapecó, e lá sempre teve uma realidade paralela vivida pela minha própria família, até porque tem uma questão com o ocultismo. No *Terra Dentro* tem um trecho que eu trago dessa vivência. É a história de uma tia, que eu não cheguei a conhecer, irmã mais velha do meu pai, que faleceu. Ela era jovem e alguém falou para a minha avó: “Vai lá e abre o colchão dessa menina, tem um trabalho feito para ela”. Minha avó abriu e, segundo conta meu pai, tinha umas rosinhas de algodão costuradas dentro. Aquilo era uma espécie de trabalho, e tudo isso sempre me soou absolutamente absurdo. Essas histórias sempre estiveram aí, mas agora a gente tem um acesso diferente a elas. Não acho que é bom e nem ruim, é o que é, sempre foi.

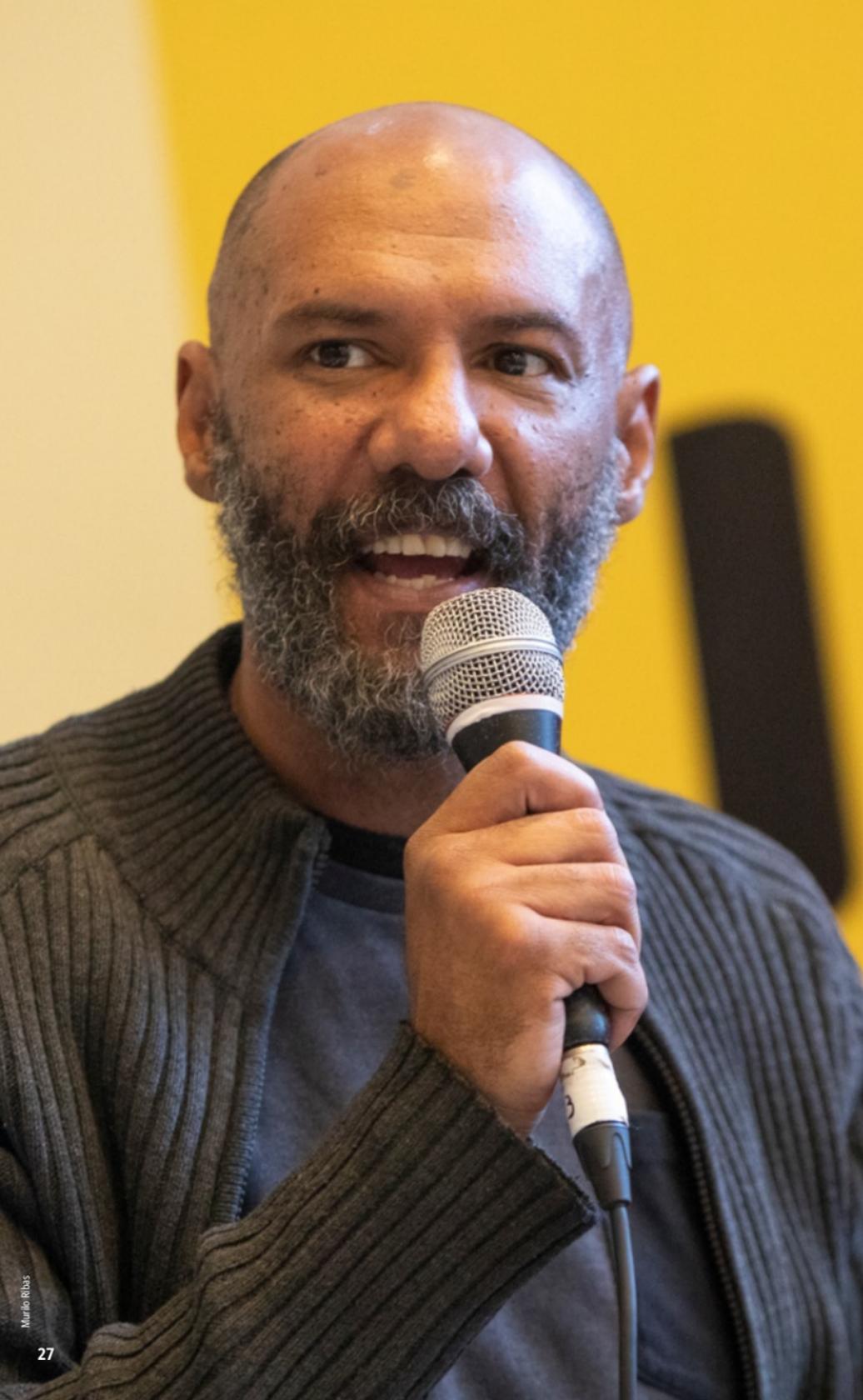
Rodrigo Casarin: Recentemente, eu estava lendo *Duas Solidões*, o livro do diálogo do Gabriel García Marquez com o Mario Vargas Llosa. Em certo momento, Gabriel García fala que ele via o *Cem Anos de Solidão* como um livro de realismo, não de realismo fantástico ou mágico. Ele fala que na América Latina tudo é possível, tudo é mágico, tudo é fantástico. A nossa realidade é assim e acabou.

Vanessa Vascounto: Eu estou partidária disso.

Carlos Eduardo Pereira: Estou dentro também. Na intenção de ver e tentar entender o que estava acontecendo, fui até a minha família. O que está mais perto, mais seguro talvez. Estudei numa escola militar quan-

do era adolescente, é um momento marcante quando você passa pela adolescência numa escola de formação militar, vira e mexe estou falando desse assunto. Os caras lá nos anos 80, que continuam até hoje na vida militar e não abandonaram, como eu, hoje são coronéis. São esses caras que a gente está vendo aí, que estão no poder ou próximos do poder. Na CPI da vacina do Covid, por exemplo. Vira e mexe você via um coronel fazendo um esquema, tinha um cara da minha turma que estava não sei onde arrumando um jeito de comprar uma vacina, ia ganhar um dólar por vacina. Esse tipo de coisa acontece porque são as oportunidades que surgem logo antes do cara se aposentar. Não é o almirante, o brigadeiro, o general que vai pegar a tropa lá no quartel e mandar tomar não sei o quê, quem faz isso é o oficial de campo — é um coronel, às vezes um sargento, é o cara que está no comando da tropa. Não é um general que está mexendo com tudo, quem está no quartel em contato com a tropa são os caras da minha turma. Não é gente que eu conheço, mas eu conheço um pouco disso.

Participo de grupos de WhatsApp, é uma desgraça. Vejo esses caras comentando desde 2017, 2018, as coisas que aparecem por ali que me soavam absurdas. Agora não mais, agora a gente está vendo que é por aí. Tendo contato com aquele pessoal, você via no que ia dar. Daí a história de não pesquisar tanto, porque se eu for pesquisar, vou começar a retratar o que a gente já está vendo, aí não faz sentido nenhum. Não tem novidade nenhuma nisso. Quero achar espaço para ficcionalizar. Baseado em alguns dados concretos, a gente cria coisas. A minha intenção era olhar para o lado e tentar entender um pouco do que está acontecendo, então vou no que conheço. No meu avô, no meu pai, nos meus colegas de turma. Ainda não me tiraram do grupo, vou ver se eles me expulsam em algum momento. <



treze
maneiras
de ver
jesus

Carla Diacov

1

a luz o vento e o calor
intenso a camisola de juta
colada no peito

2

um fecho de sol que
fura nuvens e
ilumina o cadeado
no telefone
de discar do lado de fora
da bolha de vidro de meu
pai

3

o menino irri
organizador
das latas de sardinha no
hipermercado seus
cachos dourados suas
chagas sua hiperabilidade
em multiplicar torres sem
salivar

4

num filme adulto
imitando presépio
a manjedoura
três homens mirra
incenso ouro e
a
manjedoura

5

um quilo de
farinha de
trigo três pratos e um
tigre como se fosse
a fome

6

a luz o vento e o calor
intenso a toalha pendurada
na janela
toda a maquiagem nela

7

jesus disse que ele próprio iria comprar os pães

8

na ponta do lápis:
meu sangue
meu corpo

(roda o lápis no ar)

problema nosso

9

alguém andou
empilhando pedras

10

lázaro manda dizer
que não
aguenta mais

11

— deixem o homem trabalhar —

12

sobre águas silenciosas
eufórica a libelinha
como se fosse menino

13

pai
perdoa
manchei de novo
a velha bandeira



› **Carla Diacov** (São Bernardo do Campo, 1975) é formada em teatro. Publicou *Amanhã Alguém Morre no Samba* (Douda Correria, 2015 / Macondo, 2018), *bater bater no yuri* (Enfermaria 6, 2017), *A Menstruação de Valter Hugo Mãe* (Casa Mãe, Portugal, 2017 / Macondo, 2020), *A Munição Compro Depois* (Cozinha Experimental, 2018), *: pescoço x sobreviventes* (Garupa, 2021), *ao marfim dos seus caninos* (Editora Primata, 2022) e *Voa Baixo & Dorme* (Macondo, 2022).

Nada é monolito

André Luiz Costa

A primeira memória da minha vida é a morte de Kurt Cobain. É um fato aleatório, sem importância pra mim, mas essas lembranças não se escolhem. Eu não fazia ideia de quem era o homem em sucessão de imagens num noticiário que interrompeu a programação matinal. Ele aparecia dando entrevistas, cantando e tocando guitarra em shows, caminhando na rua, segurando um bebê ao lado de uma mulher loira e rastejando pra fora do palco numa cena tão angustiante que me fez pensar que aquele era o momento de sua morte. Eu estava deitado num dos sofás, coberto por um edredom de tamanho infantil, e, no outro sofá, estavam Nara e nosso pai. Reparei que havia algo estranho naquilo, que não se tratava de uma morte comum, porque nosso pai comentou que Kurt Cobain era muito louco, todo mundo sabia que iria terminar assim, mas só fui associar esse comentário ao suicídio anos depois. Eu tinha quatro anos, Nara tinha catorze. Ela vestia uma camiseta do Nirvana e assistia compenetrada às notícias, uma repórter falando sobre a carreira dele alternava com o carrossel permanente de imagens. Lembro que Nara me pareceu séria demais, imóvel, e nosso pai, num lapso de sensibilidade, perguntou se ela estava bem, porque sabia o quanto gostava do Nirvana. Nara desviou o rosto da televisão e sorriu, falando que estava bem sim. E essa reação, somada ao fato de que pouco depois ela sairia — pra onde? —, nos deixando ali, em silêncio, assistindo à repetição exaustiva de Kurt Cobain estrela decadente, foi um impacto feroz em mim. Me perguntei naquele momento, reunindo toda a lógica de que era capaz, se Nara um dia lamentaria minha morte. Foi simples associar o fato de Kurt Cobain ser muito admirado por ela com a possibilidade de me considerar alguém menor, afinal eu não tocava nenhum instrumento nem fazia shows lotados. Então, aos poucos, surgido de lugar nenhum, começou a vir um choro que não fui capaz de conter e senti, agora em retrospectiva consigo dizer, um abandono inédito. Nosso pai, pensando que eu chorava por Kurt Cobain,

me dizia que a vida era essa, que eu me acalmasse, logo surgiria outra pessoa como ele pra morrer e ser aplaudida também. Isso fez com que minha crise de choro piorasse, porque era um fato ainda mais cruel. Se Nara gostava tanto de um homem provisório, e se sua importância poderia ser substituída, então eu não era ninguém. É estranho que a primeira lembrança da minha vida seja uma lembrança de morte, de me deparar com a morte de outra pessoa e, inevitável, pensar no meu próprio fim. Mas falta a presença da minha mãe nessa manhã. Há ruídos constantes na casa, barulhos produzidos por outra pessoa que só pode ser ela — o que estaria fazendo? O trecho específico da memória depois que Nara sai de casa é um pouco falho, nada está claro, exceto que a televisão segue exibindo a mesma sequência de imagens de Kurt Cobain com as vozes de comentaristas ao fundo. Por quanto tempo eu teria chorado sem que meu pai soubesse o que fazer pra me acalmar? É provável que não tenha sido muito, embora pareça agora, pela opacidade que tomou a cena, um trecho interminável de vida. Então meus olhos se abrem, encharcados de lágrimas, e eu vejo, no alto da escada que leva aos dois quartos e ao banheiro da casa, o tigre de pelúcia que na época era meu brinquedo favorito. A mão que o segura é visível, mas não consigo enxergar nem o rosto nem o corpo da pessoa, que está bloqueada pela semiescuridão e pelo teto do primeiro andar. O curioso é que os ruídos de atividades domésticas seguem sem interrupção e, ao menos em minha memória, surgem do mesmo andar em que eu e nosso pai estamos. Mas, claro, não poderia ser outra a mão segurando o tigre de pelúcia, a mão que, distante, quase fria na lembrança, o solta em minha direção, fazendo com que caia próximo ao meu rosto e interrompa o choro quase de imediato. Eu seguro o tigre de pelúcia, me abraço nele e sinto algo próximo ao conforto. Quando olho de novo pra cima, a pessoa que o segurava desapareceu, e os ruídos seguem sem inter-

rupção, vindos, agora consigo distinguir, da cozinha, onde alguém prepara o almoço. É possível — provável — que uma dessas duas pessoas a mais na casa seja uma falsa memória, ou uma memória infiltrada de outra manhã, e desconfio com alguma segurança que não havia ninguém na cozinha, que ninguém preparava o almoço naquele momento, porque o tigre de pelúcia caindo em mim pra conter meu choro é uma lembrança concreta, indiscutível. No entanto, o que me assombra há anos, e seguirá me assombrando pelo resto da vida, porque a única pessoa que poderia me responder sobre isso, nosso pai, não lembra dessa manhã, é por qual razão minha mãe não teria descido as escadas e me consolado, como era seu costume, num abraço com palavras que só as mães sabem pronunciar, por qual razão teria permanecido no andar de cima, distante, e apenas deixado meu brinquedo favorito cair em mim e fazer o trabalho de me acalmar? Já pensei tanto sobre isso, já revirei essa manhã, mas não encontro resposta. A primeira manhã de que me lembro e ali já estão a morte pairando e a ausência da minha mãe, como um sinal fácil de interpretar, mas que, quando ocorre, é impossível saber, porque se trata, em qualquer análise de circunstância, de mais um dia na vida, mais um músico que comete suicídio e ocupa todos os noticiários do mundo, mais uma irmã que gostava da banda do músico, mais um pai sentado no sofá enquanto a mãe, longe, cuida da casa ou do almoço, mais um filho chorando por razões misteriosas, mais um dia cristalinamente ensolarado — sim, também lembro disso — e, no entanto, essa aparência de cotidiano, esses acontecimentos corriqueiros, quase sem importância se considerarmos todos os acontecimentos que compõem uma vida, estão nos dando um vislumbre de futuro, daquilo que em alguns anos se tornará os nossos dias, a presença constante da morte, uma presença ausente, mas não a morte de um roqueiro depressivo, sim a morte de uma pessoa essencial, uma pessoa que precisava continuar existindo pra que a existência, a nossa existência, continuasse sendo comum, e não o

fluxo incessante de pesar e incerteza que se tornou. E essa manhã parece ontem, porque o tempo e a memória jogam de forma arbitrária com as impressões, mas essa manhã aconteceu há vinte e seis anos, e todo o fluxo de dias nesse período, que também posso chamar de minha história, me trouxe até aqui, até esse vagão de metrô que vai em direção a Copacabana. <



> Nascido em Porto Alegre (RS), **André Luiz Costa** é formado em Letras, mestre em Escrita Criativa e doutorando em Literatura, Cultura e Contemporaneidade na PUC-Rio. Publicou *Ciclo Neon* (poemas, Bestiário) em 2021 e atua como editor. O trecho publicado pelo *Candido* é parte de um romance inédito, que tem o título provisório de *Nada é Monolito*.

A nova era de OURO do rádio

com Ivan Mizanzuk

mediação de Flávia Schiochet



Murilo Ribas

➤ Ivan Mizanzuk e Flávia Schiochet.

O jornalista Ivan Mizanzuk, criador do *Projeto Humanos*, fala sobre as novas possibilidades do jornalismo literário e das narrativas em áudio em *podcasts* de *storytelling* durante a Flibi 2022.

Estigma de “nova mídia”

Essa era uma piada que sempre rolava: produzo *podcast* desde 2011 e já me considero uma terceira geração de *podcasters*. O *podcast*, no Brasil, começa por volta de 2004 ou 2005. Em 2008 você já tem um pessoal que passou a produzir inspirado nessa primeira leva. Eu começo em 2011, então me considero uma terceira geração. Todo ano se dizia: “É o ano do *podcast*”. A ideia que se tinha era de que, se estava bombando nos EUA, logo iria bombar no Brasil também. Eu mesmo comecei a produzir o *Projeto Humanos* em um formato narrativo porque percebi que esse tipo de formato ia super bem nos EUA. Gostava de escrever, mas estava frustrado por saber como era difícil ser escritor no Brasil. Então pensei: vou contar histórias por áudio. Juntei duas paixões e me encantei pela área.

Para além da brincadeira sobre “o ano do *podcast*”, costumo dizer que para mim foi 2019. Explico. Eu dizia, antigamente: “O *podcast* vai explodir no Brasil quando a Globo entrar na jogada. E, para ter audiência, a emissora vai dar um jeito de anunciar no *Jornal Nacional*, vão colocar personagens *podcasters* em novelas”. E batata! Em 2019, o William Bonner, durante a transmissão do jornal, fez propaganda do *podcast* da emissora. Além disso, foi também em 2019 que aconteceu um grande evento do Spotify, durante três dias, em São Paulo. De certo modo, a pandemia acelerou o processo de proliferação dessa mídia, pois as pessoas passaram

a ficar mais tempo em casa. Isso não funcionou para mim, por incrível que pareça. Passei a consumir menos *podcast* durante o isolamento, foquei em outras coisas. Como o livro do *Caso Evandro*, por exemplo. Por isso, fiquei surpreso quando me falaram que 2020 foi o ano do *podcast* e que 2021 foi maior ainda. Penso: que bom que a gente entrou nessa. Mas acho que ainda tem muita coisa pela frente. Comparado com os EUA, estamos entrando no que foi o ano de 2014 para os norte-americanos.

Diversidade de temas

Não consigo ouvir mais *podcasts*. Estou por fora do que está acontecendo. O que é uma pena. Acho que a verdadeira criatividade vem dos criadores independentes, pois eles não têm amarras. Mas é preciso pensar o que significa ser independente hoje em dia. Eu, por exemplo, consigo fazer coisas com cara de independente, mesmo não sendo. E existem outros também nessa mesma esteira. Se a questão for falta de dinheiro, eu produzi o *Caso Evandro* sem dinheiro, durante as férias como professor. Uma grande lição que aprendi com o Alexandre Maron, um monstro da história dos *podcasts* no Brasil, é que para fazer qualquer coisa no mundo você necessita de duas coisas: tempo e dinheiro. E se não tiver um, compensa com o outro. No meu caso, eu não tinha dinheiro de produção, mas tinha o tempo das férias das aulas na universidade. Funcionou. O *Projeto Humanos* chamou a atenção da Globo e na semana que vem estou indo para Nova York receber um Emmy. Durante a produção, percebi que o pessoal batia na trave por causa de tempo e dinheiro. Tive sorte de ter o privilégio de ser um professor universitário com férias e de ter bons contatos. E cara de pau muitas vezes. Embora não acompanhe o cenário independente, espero que tenha muita gente talentosa com condições de poder inovar.

Frustrações

A frustração é importante também. Início o *Caso Evandro* em 2018, mas já estava trabalhando nisso sete anos antes. Existe uma frustração de quem quer começar a fazer *podcast* e já quer estrear no top 1 dos mais ouvidos com uma semana no ar. Desculpa, mas não vai rolar. Sempre falo para todos: você vai errar muito. Mas começa rápido para errar agora, para errar logo no início. Faz muito, se mata de fazer, para daqui há dois ou três anos você já estar manjando mais ou menos legal para iniciar algum projeto mais concreto, e vai experimentando.

Para quem ouvia o *Anticast* desde o início, em 2011, deve lembrar de programas especiais como o “Episódio 67”, do segundo ano, cujo tema era arte e design. Nessa época, alguns episódios já eram em um formato narrativo. Eu já experimentava formatos narrativos lá dentro. Então fiz o *Projeto Humanos*. Errei e aprendi muito. Erro até hoje com o *Altamira*, e vou errar em projetos futuros. Mas tenho que lidar com essa frustração, bola para frente, mesmo sendo difícil. E a internet, para piorar, é um ambiente muito cruel. As redes sociais são horríveis.

Bastidores da criação

Não há fórmulas. O que busco em entrevistas, geralmente, são os personagens que viveram a situação, que olham a história de dentro. E os especialistas, que por sua vez observam a história de fora. No *Caso Evandro*, por exemplo, para ser bem detalhado e não restar dúvida sobre o que eu estava falando, fiz três episódios só para falar sobre DNA. O que é? Como funciona? O que foi coletado? Para então chegar no final e poder dizer: “É, sim, o corpo do Evandro”. *Podcast* se baseia em áudio, e costumo dizer que o áudio é a melhor arma midiática para transmitir emoção, pois pega-se o me-

lhor da literatura e tira a parte chata dela, que é ler [risos da plateia]. Amo ler, mas quem diz que ler é uma delícia está mentindo. A literatura exige muito. Já a televisão é maravilhosa: você só fica sentado e assistindo. Acho que é uma bobagem dizer que a TV é um meio passivo. Não é. Ela é um meio ativo, cria-se a partir disso. Não é à toa que o cinema é essa arte incrível de grandes proporções. Mas ela entrega tudo para você, existe uma equipe inteira trabalhando nos bastidores. A graça do *podcast* é que ele está bem no meio termo: ele não entrega tudo, então o ouvinte precisa usar muito a imaginação e, ao mesmo tempo, não precisa de grande esforço para acompanhar a história. O ponto é que, quando entrevisto um personagem que vivenciou uma cena, tenho que apostar numa conversa longa, de no mínimo quatro horas. Com a Beatriz Abage, do *Caso Evandro*, tenho umas oito horas de conversa com ela, fora todas as mensagens trocadas. Mas não posso confiar inteiramente nessas conversas, pois são relatos de pessoas que passaram por um trauma gigantesco. Tenho que verificar. Às vezes, a pessoa está equivocada e eu preciso mostrar isso para ela, a fim de esclarecer o caso como um todo.

Noção de responsabilidade

Adoraria que as pessoas tivessem uma boa memória. Quando pego os casos de 30 anos atrás, é difícil esclarecer. Para dar um exemplo, o pessoal de Guaratuba foi preso e no dia seguinte, no *Diário Popular*, a manchete era “Bruxos Presos”. Já está tudo errado! Mas por quê? É muito tentador fazer uma capa sensacionalista. E é tentador porque nesse caso havia uma fita com a confissão da mulher do prefeito, fita de confissão dos homens com detalhes de como assassinaram o garoto. O jornalista que recebe isso tem que publicar amanhã, isso naquela época — hoje é pior, tem que publicar na

mesma hora. Nesse ponto, é muito tentador para o jornalista apontar os suspeitos. Tem que se levar em consideração a época em que o caso aconteceu. Mas qualquer um que ouve a fita de confissão da Beatriz percebe que tem alguma coisa errada. E ninguém parou para perguntar para o secretário de Segurança onde foi gravada a fita? Não, estava todo mundo louco. A culpa não é minha. Entendo o pessoal que entrou na histeria coletiva. Mas como jornalista, tenho que parar, respirar e olhar. Tenho que ficar limpando essas confusões.

Na série, quando se fala sobre o DNA, aparece apenas um depoimento de um especialista, por pouco tempo de tela, confirmando que, com base nos laudos, era mesmo o corpo do menino, era do Evandro. Apenas isso, sem explicação, nem nada. Isso abre brechas para fãs malucos de *true crime* começarem a questionar a identidade do corpo sem base nenhuma. Para evitar essa situação, quando saiu a série do *Caso Evandro*, deixei um *post* fixado no meu Instagram orientando as pessoas com dúvidas sobre o caso a ouvirem o *podcast*. O que eu posso fazer é o meu trabalho bem feito, vou fazer o máximo para deixar a história o mais narrativamente interessante possível. Mas mesmo tomando todo tipo de cuidado, ainda vai aparecer gente criticando que eu uso trilha sonora.

Trabalho como diretor

O podcast Pico dos Marins: O Caso do Escoteiro Marco Aurélio, diferentemente do *podcast Contra Ataque* — que são episódios sobre personalidades do futebol brasileiro que tiveram problemas com a Ditadura Militar —, é um trabalho de pesquisa do Marcelo Mesquita, idealizador do projeto. Quando ele chegou, já estava com muita coisa gravada — curiosamente é um *true crime* em que não se sabe se houve um crime, só se sabe do desaparecimento. Ele [Marcelo] vinha com muitas falas fortes, mas sem provas concretas. Ele pre-

cisava de fundamentação. E ajudei nisso: cada detalhe descoberto levava o Marcelo para uma nova linha de pesquisa. Isso foi muito bacana, poder usar minha experiência com um cara que está muito dedicado a uma história, com muito acesso a pessoas e documentos, mas não sabe encaixar tudo aquilo. Eu tenho esse método já, foi legal mostrar como é possível além da superfície. Com isso, descobrimos coisas muito legais que trazem um outro olhar sobre esse caso.

Táticas diferentes

Sou fã do Chico Felitti, já tive oportunidade de entrevistá-lo duas vezes, é um cara incrível, o texto do “fofão da Augusta” é maravilhoso. Mas ele fez algo que eu não faria. Eu não usaria gravação escondida, acho que ele foi louco de gravar escondido em uma empresa americana que dizia bem claro que não podia gravar nada ali. Ele também faz afirmações muito sérias e encerra o *podcast* [A Mulher da Casa Abandonada] de maneira complicada. Mas acho que ele é um gênio. Fez tudo certinho, contou uma história e fez sucesso. Nesse começo, quando bombou, pessoas vieram me dizer: “Tá vendo, Ivan, é assim que se faz *podcast*”. Quando deu problemas e pessoas começaram a se aglomerar em frente à casa abandonada, me disseram: “Puxa, Ivan, que bom que você não faz desse jeito”. Está certo que minhas histórias se passam em Guaratuba e, agora, em Altamira, mas os ouvintes não vão lá depredar o local, nem bater em ninguém. Há uma diferença de táticas: eu não quero fazer uma coisa sensacionalista. Se eu quiser fazer sensacionalismo, vai ser para apontar o dedo na cara de quem fez merda. E quando isso acontecer em Altamira, então vai estar ótimo. <



Ponta firme

Giorgia Prates

Giorgia Prates é fotojornalista e diretora de cena. Colabora com o jornal *Brasil de Fato* e veículos como *Terra sem Males* e *Plural*. Integra o coletivo de mídia ativista CWB Resiste e assume, em janeiro, uma vaga na Câmara de Vereadores de Curitiba pelo Partido dos Trabalhadores.

A seleção para esta edição do *Cândido* inclui imagens feitas durante a pandemia e registram temas importantes para o seu trabalho, como a vivência de trabalhadores e a militância pelos direitos humanos. Acompanhe pelo Instagram @giorgia.prates. <

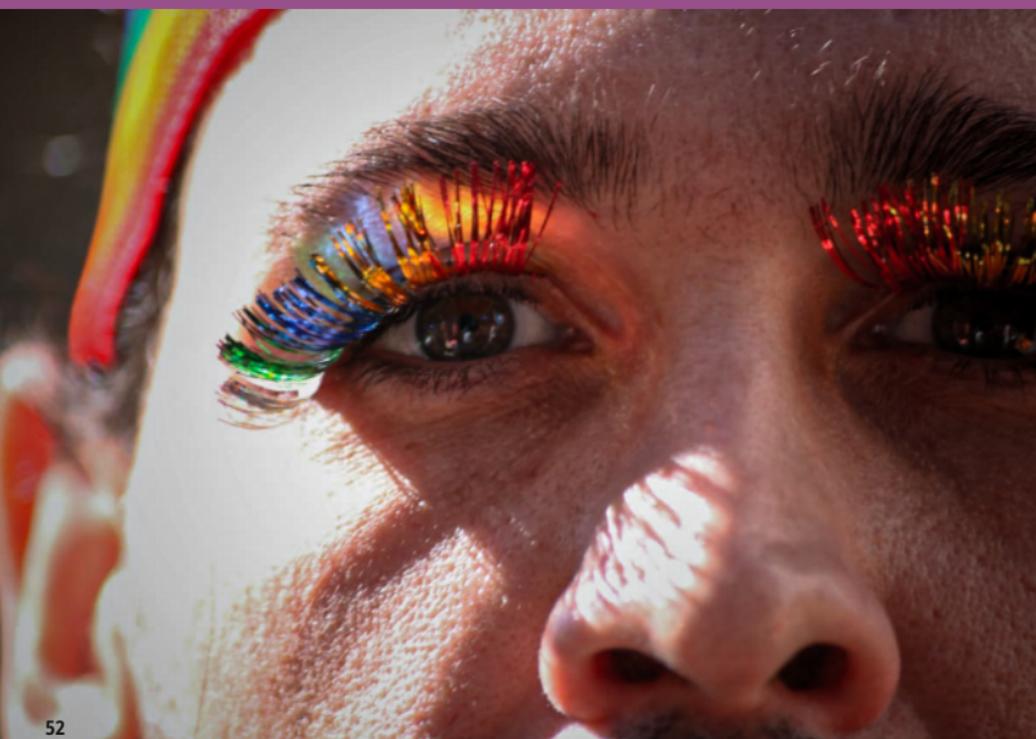












Coleção de livros

Rosana Felix

O interfone toca. É o porteiro avisando sobre a caixa da coleção de livros, encomendada há meses de um sebo do Rio de Janeiro e enviada como um pacote comum pelos correios, para a entrega não ficar mais cara do que a coleção de livros em si. Marisa retira a caixa do elevador, desembrolha os volumes com capa e acabamentos em amarelo e se sente satisfeita como uma criança que completou um álbum de figurinhas. Coloca a nova coleção de livros — Letras Italianas — em cima da mesa, para organizá-la depois de finalizar um projeto do escritório de arquitetura.

Em vez de suco de laranja e tapioca, Marisa decide tomar leite frio com bolachas; assim ela economiza um tempinho, que deve ser suficiente para colocar a nova coleção de livros na estante. São 26 volumes, há um espaço para eles ao lado do vaso cinza. Na verdade, não. Ao lado do vaso cinza só cabem 23: a Morante, o Pavese e o Maggiani ficariam de fora. Suspira. Troca de roupa e senta-se em frente ao computador para trabalhar.

Conforme o cardápio salvo no organizador de tarefas do celular, é dia de filé de frango e batatas assadas para o almoço. Mas Marisa decide fazer um macarrão instantâneo, assim ganha mais um tempinho para arrumar a coleção de livros sem atrapalhar seu projeto. Ela precisa finalizar uma planta baixa para enviar ao chefe, tem de se apressar.

No escritório, colocava um fone de ouvido e se concentrava a fundo nas tarefas. Durante o *home office*, ela gasta bastante tempo para dispor os objetos de forma simétrica. No guarda-roupa, mescla a composição por cores e pelas estações do ano — que se apresentam diversas vezes por dia na cidade onde mora. Na geladeira, coloca os alimentos em potes coloridos, cada qual no seu nicho: laticínios, carnes, frutas, verduras, legumes. No varal, coloca duas peças pequenas e uma grande, alternadamente, de modo a garantir uma melhor circulação de ar — na verdade, a organização começa no momento em que coloca as roupas para lavar, ou, ainda, quando escolhe o figurino de cada dia, sem se descuidar com as cores, para não deixar desfal-

cados os espaços no guarda-roupas. Mas a nova coleção de livros precisa ser arrumada em ordem numérica crescente. Marisa precisa respeitar os numerais impressos em cada lombada.

O nicho do vaso cinza na estante tem formato de “U”. A coleção de livros deveria ficar à direita. Uma opção é colocar os volumes na prateleira do alto, tirando os livros que estão lá. Toda aquela fileira, porém, é de ficção norte-americana. Marisa pega a trena e tira as medidas. Não há como rearranjar esses livros em outro local para dar lugar às Letras Italianas. O alarme do celular toca, a pausa de uma hora do almoço acabou.

Marisa pega o fone de ouvido e senta-se em frente ao computador, mexendo o cursor para desenhar as linhas retas da planta baixa, mas tudo fica embaralhado. Depois de algumas tentativas frustradas de se dedicar ao projeto arquitetônico, ela abre um arquivo novo, desenha uma estante e, com as medidas que tirou com a trena, faz o espaço para a nova coleção de livros. Cabe perfeitamente em várias prateleiras. Como ela não consegue arrumá-la?

De volta à sala, Marisa vê o obstáculo: quase todos os espaços já estão ocupados de forma ordenada. Na prateleira mais baixa ficam os livros com formato maior, como os de arte; na segunda prateleira, os de não-ficção; na terceira, a literatura brasileira; na quarta estão os europeus. Talvez a quinta prateleira seja o local ideal para a nova coleção de livros. Ao tirar os autores asiáticos e latinos, surge um espaço que parece adequado. Maneja os volumes na ordem numérica crescente. A nova coleção de livros cabe ali, mas ela sente que esqueceu de algo. Ah, sim, precisa reorganizar os asiáticos e latinos.

Com o celular em mãos, ela manda uma mensagem para o chefe: “Não sei se foi o motoboy ou o restaurante, mas a comida que comprei no *delivery* não me fez bem. Posso mandar o projeto amanhã?”. Nem espera a resposta.

Tenta colocar os asiáticos e latinos ao lado do vaso cinza, mas tampouco cabem.

Marisa encara a estante. Sabe o que deve ser feito. A não ser pelos livros da primeira prateleira, retira todos os demais e os espalha na mesa da sala. Então, reorganiza: todos juntos, os brasileiros, latinos, norte-americanos, europeus e asiáticos, mas desta vez apenas em ordem alfabética. Com exceção da nova coleção de livros.

Já de noite, Marisa liga a iluminação embutida com fitas de Led da sala e contempla o resultado de seu trabalho. Fica encantada com o colorido da estante. Mas há uma falha: a nova coleção de livros, que forma um grande bloco amarelo à esquerda da quinta prateleira. Desliga a iluminação de Led e acende as luzes do lustre principal, para averiguar. A falha continua lá. Por um momento, pensa em projetar um novo móvel, talvez com mais prateleiras e menos nichos para vasos.

Ao sentar em frente ao computador, escreve um e-mail ao sebo do Rio de Janeiro. Quer devolver as Letras Italianas. <



Rosana Felix (Curitiba, 1978) é formada em Jornalismo, mestre em Políticas Públicas e atua como repórter desde 2001. Em 2016, teve um conto publicado na coletânea *A Natureza das Coisas Breves* (org. Tiago Novaes). O texto publicado pelo *Cândido* foi produzido durante a oficina De Próprio Punho, ministrada na Biblioteca Pública do Paraná pelo escritor Rafael Ginane, e integra o terceiro livro da coleção homônima.

EXPEDIENTE

Governador do Estado do Paraná

Carlos Massa Ratinho Junior

Secretário da Comunicação Social e da Cultura

João Evaristo Debiasi

Superintendente-geral da Cultura

Luciana Casagrande Pereira

Diretor da Biblioteca Pública do Paraná

Luiz Felipe Leprevost

Editor

Omar Godoy

Redatores

Hiago Rizzi

Isabella Serena

Luiz Felipe Cunha

Estagiários

Juliana Sehn

Leo Marino

Design Gráfico

Rita Solieri

Diagramação

Junior Milek

Colaboradores desta edição

André Luiz Costa

Carla Diacov

Giorgia Prates

Rosana Felix

Ilustração de capa

Laura Mazzottini

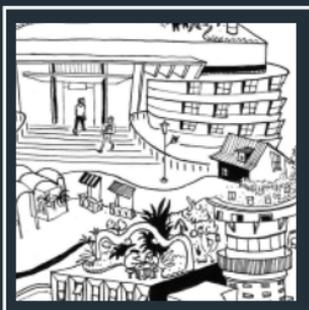


Cândido

imprensa@bpp.pr.gov.br

candido.bpp.pr.com.br

[instagram.com/candidobpp](https://www.instagram.com/candidobpp)



BIBLIOTECA
PÚBLICA
DO PARANÁ



PARANÁ 
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA COMUNICAÇÃO
SOCIAL E DA CULTURA